
POR ELAS,
COM ELAS
do moderno ao contemporâneo
Curadoria Maria Alice Milliet

Maria Martins
Cheia de Graça (Sombra), detalhe, 1998
bronze, de um original de gesso de 1953
edição 5/6, 196 × 194 × 60 cm

POR ELAS, COM ELAS

do moderno ao contemporâneo

Curadoria **Maria Alice Milliet**

DANGALERIA

DANGALERIA
CONTEMPORÂNEA

São Paulo, 2026

POR ELAS, COM ELAS

do moderno ao contemporâneo

Curadoria
Maria Alice Milliet

Amelia Toledo
Eleonore Koch
Ione Saldanha
Judith Lauand
Lygia Clark
Maria Leontina
Maria Martins
Mary Vieira
Mira Schendel
Tomie Ohtake
Yolanda Mohalyi
Adriana Rocha
Anke Eilergerhard
Denise Milan
Elizabeth Dorazio
Greicy Khafif
Laura M. Mattos
Laura Miranda
Lucia Castanho
Patricia Furlong
Raquel Kogan
Roberta Goldfarb

ELIZABETH DORAZIO



Levitare 2, 1999
óleo sobre tela, 230 × 195 cm

pp. 68-69
Levitare 1, 1999
óleo sobre tela, 230 × 195 cm

Levitare 3, 1999
óleo sobre tela, 230 × 195 cm





por via digital. Ainda assim, a arte resiste, amparada pelas instituições e pelo mercado. Na política, uma cena global fragmentada torna obsoleta a noção de centro e periferia. No campo da cultura, surgem manifestações reivindicativas que lançam mão de meios tradicionais e/ou tecnológicos para levar avante seus propósitos. Ciente dessa tendência, a curadoria, no segundo núcleo da exposição *Por elas, com elas*, não tem a pretensão de espelhar a intensa busca por inclusão cultural que, nos últimos anos, tem mobilizado instituições e alguns segmentos da sociedade. Visa apenas revelar questões subjacentes à produção de um grupo restrito de artistas, a maioria participantes dos quadros da galeria. Um olhar atento encontrará nas obras selecionadas duas temáticas relevantes, ambas conectadas à realidade atual: uma, ligada à natureza e tudo que ela representa para a sobrevivência da humanidade; e outra, inspirada na problemática feminina, no que diz respeito à sua intimidade e posição social.

No grande salão de entrada, as pinturas monumentais de Elizabeth Dorazio, Adriana Rocha e Patricia Furlong, bem como as peças fundidas em bronze a partir de fósseis de Denise Milan, exaltam os elementos primordiais que constituem o mundo natural, sua formação geológica, seu relevo e vegetação, denotando uma atitude de reverência perante a natureza. Essas obras podem ainda ser lidas como registros de fenômenos naturais que apontam para a existência do planeta, aquém e além dos desígnios humanos.

No mesmo espaço, as peças escultóricas criadas por Maria Martins e Anke Eilergerhard (a única artista estrangeira na mostra), orgânicas e potentes, brotam do chão. Num primeiro momento, a superfície lisa e negra do bronze e a textura em vermelho vibrante do silicone industrial podem parecer irreconciliáveis. Entretanto, tais esculturas têm em comum formas voluptuosas que despertam no observador o desejo de tocá-las, tirando-o da contemplação passiva do objeto. E é justamente nesse relacionamento sensorial que reside a alusão ao acolhimento materno e à sensualidade erótica da mulher implícitos nessas obras.

Na abordagem de situações relativas à vivência da mulher, destaco Roberta Goldfarb, que vê a casa como lugar de pertencimento. Entretanto, ela mesma observa: “a casa que abriga pode também aprisionar”. Para expressar a tensão entre proteção e confinamento, recorre à fotografia, à performance e à instalação, sempre atenta à ambiguidade do tema e à qualidade estética de suas criações.

Em contraponto, a pintora Lucia Castanho apresenta fotografias que evocam Ofélia, personagem da peça *Hamlet*, de Shakespeare. Desde que ela se tornou objeto de estudo em seu doutorado, Lucia vem produzindo fotos/performances em que partes do corpo feminino aparecem submersas na água em meio a flores, tendo como inspiração o famoso quadro de John Everett Millais. São séries que sugerem a estetização da morte, o silenciamento da mulher, seu destino trágico. Lucia exibe ainda adornos de cabeça, objetos belos, porém constrangedores da liberdade da mulher.

Mais adiante e nesse mesmo ambiente, estão os autorretratos pintados por Laura M. Mattos, em que a artista tem o rosto ocultado por objetos do cotidiano, como livros, um ferro de passar roupa e um pano de prato. Ao lado dos quadros, a presença física desses objetos enfatiza o protagonismo que assumem na vida doméstica, deixando a mulher em segundo plano. Nos bustos de porcelana, a figura feminina “veste-se literalmente desses objetos”. É inquietante constatar a beleza dessas peças, sem ignorar, no entanto, seu viés crítico. O mesmo se pode dizer do erotismo inerente à imagem da mulher de sutiã preto, ou seja, constata-se a subsistência de eros, apesar da repressão doméstica.

Greicy Khafif aborda a violência contra a mulher. Influenciada pela arte de rua e por sua formação em publicidade, em sua obra articula pintura, colagem e intervenções com materiais do cotidiano. No caso, tem como inspiração o sequestro de jovens israelenses por um grupo de terroristas e as agressões por elas sofridas.

Os trabalhos de Raquel Kogan convocam a participação do espectador e testam sua percepção. Utilizando recursos analógicos ou digitais, suas obras têm na interação o elemento central da experiência artística. Da escrita pirogravada ao monitor de TV, dos